

# A ÊNFASE NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS: ESTUDO COMPARADO DE TEXTOS SOBRE COMUNICAÇÃO, MULTIMÍDIA E INTERNET

Patrícia Passos Gonçalves Palácio

Aclamado nos EUA, criticado na Europa, Marshal McLuhan, através de seus estudos, chegou à conclusão de que *o meio é a mensagem*. Ele considera o meio como extensão dos seres humanos: "o que Pasteur fez com relação às bactérias, McLuhan se propõe a fazer em relação aos meios - os media - que o homem engendra ao articular o processo básico constitutivo da sociedade, que é o da comunicação"<sup>1</sup>. Nesse contexto, as novas tecnologias são abordadas como agentes modificadores da sociedade, que, consideradas extensões do indivíduo, geram mudanças em seu próprio comportamento. Não é relevante o tipo de resultado que se pode obter através de uma nova tecnologia, mas que tipo de mudanças esta nova tecnologia estabelece nas relações humanas.

Um exemplo clássico é o da luz elétrica, considerada por McLuhan como "informação pura"<sup>2</sup>. Muitas vezes, erroneamente, acredita-se que a luz só possui um conteúdo quando ilumina um letreiro. Na verdade, a partir do momento em que a luz se torna imprescindível para que ocorra determinada ação (qualquer evento noturno, por exemplo) esta sim deve ser entendida como conteúdo da luz, pois só é possível receber aquela mensagem através deste meio, ficando implícito, portanto, que o meio é a mensagem.

Outro exemplo citado por McLuhan é o da construção de uma ferrovia. Além dos benefícios materiais, traz consigo alterações significativas no cotidiano dos indivíduos, com relação a tempo, espaço, distâncias e outros fatores agregados. Muito mais do que um novo meio de transporte significa uma evolução no sistema de vida das pessoas que com ela se relacionam das mais diversas formas, "pois a mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou

---

<sup>1</sup> Gabriel Cohn, *O Meio é a Mensagem*, p. 364.

<sup>2</sup> Marshall McLuhan, *Os meios de comunicação como extensões do homem*, p.22.

padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas”<sup>3</sup>. Ao surgimento de um novo meio de transporte, o avião por exemplo, novas mudanças de paradigmas ocorrem nessa mesma sociedade.

Analogicamente, pode ser inserido num contexto atual o exemplo da introdução do computador na sociedade. Ferramenta de trabalho para alguns, instrumento de diversão para outros, este meio foi se incorporando à rotina de seus usuários e se tornando imprescindível à realização de diversas atividades, o que ocasionou modificações intensas em suas rotinas.

Nesse sentido, Sergio Bairon afirma que:

"o computador não é mais, no caráter sócio-técnico, uma máquina autônoma e intermediária de duas fontes de comunicação: o emissor e o receptor, (...) o significante e o significado, o sujeito e o objeto, o usuário e a máquina; pois encontra-se escancarado tanto em suas interfaces quanto em suas possibilidades interativas, de forma quase imprevisível”<sup>4</sup>.

Fica caracterizada a mudança de paradigma quando citamos que a máquina de escrever, meio utilizado anteriormente para a realização de tarefas que hoje são mais bem desenvolvidas pelo computador, se tornou totalmente obsoleta em função das possibilidades e facilidades que o seu sucessor oferece.

McLuhan fundamenta ainda sua afirmação de que *o meio é a mensagem* através da seguinte colocação: "o conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre outro meio ou veículo”<sup>5</sup>.

Partindo-se deste pressuposto, pode-se citar no advento da Internet, um meio que é conteúdo de outro meio: o computador – que se tornou potente veículo de comunicação. Independente da maneira como vem sendo utilizada, foi totalmente assimilada e causou modificações significativas no dia a dia dos cidadãos que compartilham essa tecnologia.

Considera-se assim outra mudança de paradigma, observada por Gilberto Dimenstein na seguinte citação:

"O casamento do computador com a linha telefônica transforma as residências em extensão do escritório e produz uma inovação no movimento matinal das cidades. Até pouco tempo atrás, marmanjo que não saísse de

---

<sup>3</sup> Marshall McLuhan, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, p. 22.

<sup>4</sup> Sérgio Bairon, *Multimídia*, p.17

<sup>5</sup> Marshall McLuhan, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, p. 22.

manhã para trabalhar era desempregado ou, dependendo do bairro, delinqüente. Agora, as casas ameaçam virar também sala de aula”<sup>6</sup>.

Segundo McLuhan, além de modificar as relações do homem com o seu meio, as novas tecnologias impõem o fim da linearidade, trazendo como conseqüência a simultaneidade. Alguns exemplos por ele citados são o cinema e a arte abstrata, que rompem a barreira das três dimensões e nos permitem visualizar ao mesmo tempo as diversas facetas dos elementos em questão.

Gabriel Cohn considera esse ponto como um dos principais suportes dos estudos de McLuhan<sup>7</sup>, observando que em sua obra se manifesta:

“a ênfase dada à importância da passagem de uma civilização moldada segundo os padrões de comunicação pela palavra impressa (analisada no livro *The Gutenberg Galaxy*) para outra, nossa contemporânea, cujo ponto focal é a dominância dos meios de comunicação de base eletrônica”<sup>8</sup>.

Prosseguindo na leitura da obra de McLuhan, Cohn nos aponta em detalhes as observações do referido autor:

“De uma comunicação fragmentada, linear, de propagação lenta e de caráter individualizante (...) passa-se para outra integrada, não-linear e de propagação instantânea (mítica) e de caráter comunitário (todos participam da vida de todos, e o envolvimento social é global: é a fase da sociedade mundial no plano sócio-político e da automação no plano econômico)”<sup>9</sup>.

Apesar das três décadas de distância, McLuhan se mostra extremamente atual, principalmente se enfocarmos as diversas possibilidades de interfaces e a interatividade, presentes na multimídia. “Filhote pródigo das melhores invenções do homem: o cinema, a música, a fotografia, o desenho, a pintura, a escultura, a literatura, enfim, os adoráveis sentidos lúdicos da humanidade”<sup>10</sup>, a multimídia tem como característica a simultaneidade de que falava McLuhan.

---

<sup>6</sup> Gilberto Dimenstein, *Aprendiz do Futuro*, p.18

<sup>7</sup> Gabriel Cohn desenvolveu um estudo sobre o trabalho de Marshal McLuhan posicionando-se criticamente com relação às suas teorias. Nesse ponto em que abordam-se as novas tecnologias, Cohn considera que McLuhan compôs uma “utopia tecnológica” e aponta que sua obra se desvirtua do problema do controle dos meios de comunicação pelo homem para a questão do controle dos homens através dos meios e das condições de “programação” dessa forma nova e profunda de domínio global a um nível planetário.

<sup>8</sup> Gabriel Cohn, *O Meio é a Mensagem*, p. 366.

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*, p. 366.

<sup>10</sup> Valéria Burgos, in Sérgio Bairon, *Multimídia*, Apresentação.

Através de uma interface multimídia podemos acessar aleatoriamente tópicos interessantes de forma não linear além de ver, ouvir e interagir com as informações presentes. Estes recursos, também presentes na Internet, nos levam a crer que McLuhan estava sendo, de certa forma, profético ao completar sua teoria dizendo que através da simultaneidade e caráter comunitário da integração dos meios de comunicação "o mundo transforma-se num grande 'vilarejo'"<sup>11</sup>, uma aldeia global.

Issac Epstein, em 1994, retoma este assunto, prevendo que "a nova aldeia global (...) possibilitará uma enorme gama de atividades"<sup>12</sup>. Em seus estudos cita que essas atividades poderão envolver pessoas que estejam até em continentes diferentes através do processamento e armazenamento de dados em computadores que serão transportados através das interligações por redes.

Apenas quatro anos após as citações de Epstein, este já se torna assunto trivial e comprovado, como aponta Gilberto Dimenstein:

"...com a disseminação dos computadores pessoais na década de 80, a Internet se expandiu para usuários de todos os tipos, abrangendo não só a troca de informações técnicas e científicas, como variados contatos a distância (...). Estima-se que chegue a atingir 1 bilhão de usuários na virada para o século XXI"<sup>13</sup>.

Dimenstein observa ainda que

"com a globalização, as fronteiras perderam o valor. Por causa dos novos meios de comunicação, em particular a Internet – a rede mundial de computadores –, nunca em toda a história da humanidade idéias, informações e produtos circularam com tanta rapidez. Diante de um computador, qualquer indivíduo pode ter acesso ao mundo: desde museus, passando pelos mais importantes jornais, até a comunicação com amigos do outro lado do planeta, ao preço de uma ligação local. Estes avanços colocam novos desafios e ameaças, mas, ao mesmo tempo, democratizam o saber e facilitam o progresso individual"<sup>14</sup>.

No campo da comunicação através da informática é evidente que a aldeia já está instalada, mas será que o termo global é adequado? No sentido da palavra, global deveria ser entendido como algo amplo, ao alcance de todos. A realidade, porém, não permite que esse conceito seja tão abrangente.

---

<sup>11</sup> Gabriel Cohn, *O Meio é a Mensagem*, p. 366.

<sup>12</sup> Isaac Epstein, *Telemática e Modernização*, p. 12.

<sup>13</sup> Gilberto Dimenstein, *Aprendiz do Futuro*, p.18.

Gilson Schwartz define a globalização da seguinte forma:

"Para os otimistas, trata-se de movimento histórico cuja essência é o avanço da economia de mercado em todo o planeta, quebrando barreiras institucionais, culturais e econômicas. Para os pessimistas, a globalização é sobretudo financeira, animada por uma disponibilidade sem precedentes de dinheiro ocioso num mundo que cresce pouco, desemprega muito e convive, ainda, com formas cada vez mais sofisticadas de exclusão social e desigualdade tecnológica"<sup>15</sup>.

Barreiras e interesses políticos e econômicos distorcem esse processo, priorizando o acesso à tecnologia aos integrantes das classes sociais mais altas. Segundo Epstein, "a modernização econômica não é necessariamente correlata aos fins e objetivos aos quais se refere a modernização social"<sup>16</sup>. A aldeia global não é para todos, mas para uma pequena parcela da população que conta com tantos outros privilégios em função de suas posses: "uma ilha satisfeita cercada por um oceano miserável"<sup>17</sup>.

Analisando as citações anteriores, pode-se concluir que alguns dos efeitos desta modernização podem não somente democratizar conhecimentos, promover a comunicação entre as diversas comunidades do planeta e colaborar para o desenvolvimento pessoal dos seres humanos, mas também pode acentuar cada vez mais a distância entre ricos e pobres.

---

<sup>14</sup> Gilberto Dimenstein, *Aprendiz do Futuro*, p.9.

<sup>15</sup> Gilson Schwartz, in Gilberto Dimenstein, *Aprendiz do Futuro*, p.12.

<sup>16</sup> Isaac Epstein, *Telemática e Modernização*, p. 22.

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p. 23.

**BIBLIOGRAFIA**

BAIRON, Sérgio. *Multimídia*. São Paulo: Global, 1995.

COHN, Gabriel. *O Meio é a Mensagem*. In: COHN, Gabriel (org). *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: EDUSP, 1971. pp. 363-371.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Aprendiz do Futuro*. São Paulo: Ática, 1998, 2. ed.

EPSTEIN, Isaac. *Telemática e Modernização*. In: MELO, José Marques (ed.). *Revista Comunicação e Sociedade*, n. 21 (Novas Tecnologias). São Paulo: IMS, 1994. pp. 9-26

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1979.